



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia alusiva à obra de recuperação e modernização do Porto de  
São Francisco do Sul**

**São Francisco do Sul-SC, 17 de março de 2006**

Meu caro governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da  
Silveira,

Meu caro companheiro José Fritsch, secretário especial de Aquicultura e  
Pesca,

Nossa querida companheira senadora Ideli Salvatti,

Meus caros deputados federais Carlito Merss, Jorge Boeira, Mauro  
Passos e Cláudio Vignatti,

Meu caro Odilon Ferreira de Oliveira, prefeito de São Francisco do Sul,  
em nome do qual saúdo os demais prefeitos da região,

Vereador Rid Garcia dos Santos, presidente da Câmara Municipal,

Dra. Hildemar Meneguzzi, juíza de direito da 1ª Vara de São Francisco  
do Sul,

Meu caro Fernando Camacho, presidente da Administração do Porto de  
São Francisco do Sul,

Nosso querido companheiro Mescolotto, presidente do Banco de Santa  
Catarina,

Deputados estaduais,

Demais vereadores,

Mulheres, homens, crianças,

Trabalhadores da obra do porto,

Soldados do Exército brasileiro, que nunca faltaram no cumprimento do  
seu dever. Todas as vezes que precisamos, em caráter de emergência ou não  
de emergência, o Exército brasileiro e as Forças Armadas estão sempre



prontos. E o que é importante é que eles não perguntam para quê e por quê, eles fazem o que tem que ser feito. E eu não tenho dúvida nenhuma que essa obra será bem construída, com construção de qualidade, porque o nosso pessoal não brinca em serviço,

Meus amigos, minhas amigas,

Esta é a primeira visita a um porto este ano. Hoje nós vamos visitar São Francisco do Sul, Itajaí e Laguna. Depois eu vou visitar o porto de Vitória, depois vou visitar outros portos espalhados pelo Brasil, porque em 2004 nós tomamos uma decisão extremamente importante, que era fazer com que os portos brasileiros dessem vazão à saída dos produtos que nós produzimos, aqui, com maior rapidez, da forma mais barata possível. E, para isso, era preciso modernizar a estrutura portuária.

É importante apenas dizer para vocês que, entre a gente decidir uma coisa e ela acontecer, leva tempo. Leva tempo, porque o cumprimento das coisas que temos que fazer, às vezes, é mais prolongado do que a gente imagina. Entretanto, da mesma forma que nós vemos o porto brasileiro como portão de entrada e de saída da riqueza que a gente produz, dos produtos que a gente compra de fora, a gente vê os aeroportos, nós administramos 66 aeroportos no Brasil. Quem viaja pelo Brasil percebe que raramente nós chegamos num lugar e encontramos um porto brasileiro que não esteja passando por uma reforma profunda para que a gente possa duplicar o número de passageiros, como fizemos aqui em Navegantes. Transformando Navegantes num aeroporto internacional, como estamos fazendo no aeroporto de Florianópolis e fazendo no Brasil inteiro.

Por quê? Porque da mesma forma que um passarinho, quando nasce, adota como pai ou mãe a primeira cara que ele vê, ou seja, um estrangeiro que visita o Brasil, quando ele descer no aeroporto, a visão do aeroporto e a cara das pessoas têm que estar bem para ele levar uma boa imagem do nosso país,



e no porto é a mesma coisa. Quanto mais eficaz for a administração de um porto, quanto mais rápido, quanto mais ágil, quanto menos tempo um navio ficar parado, atracado a alguns metros de distância, melhor para nós. E é isso que nós estamos fazendo e todo mundo sabe que este porto, não é Camacho, você não falou mas eu vou falar, vem registrando recordes e mais recordes nas exportações.

Em 2003, foram 6 milhões de toneladas, em 2004, 7 milhões de toneladas; em 2005, 8 milhões de toneladas e, em 2006, se Deus quiser, mais. Veja, 8 milhões de toneladas. Eu perguntei para o Camacho: depois que a gente tirar essa pedra que você disse que tem aí no fundo do mar, o que vai acontecer? Ele falou: “o nosso calado vai ficar com 13 metros, vai poder entrar navio de grande porte aqui, e simplesmente a gente vai poder duplicar as cargas que hoje...” então nós sairíamos, teoricamente, de 8 milhões de toneladas, para 16 milhões de toneladas.

Isso significa, olha o sorriso do Prefeito! Isso significa mais dinheiro para a prefeitura, isso significa mais emprego para o povo que trabalha no porto, tanto os trabalhadores diretos quanto os indiretos, isso significa mais dinheiro para a cidade, mais emprego e mais salário, significa melhoria na qualidade de vida do povo de São Francisco do Sul e da região.

Bem, isso, eu diria, é muito bom, é extraordinário, porque a gente percebe que o sonho está se concretizando, ou seja, duro é quando a gente sonha um sonho bem gostoso, a gente acorda e, ou esquece do sonho ou a gente descobre que a realidade não é tão boa quanto a gente está vendo. Aqui não, aqui a gente teve um sonho de melhorar o porto de São Francisco do Sul e ele está sendo melhorado. Vocês hoje podem ver não apenas as obras, mas ver os trabalhadores que estão fazendo a transformação nesse porto.

Isso vai acontecer em todos os portos brasileiros, porque é importante que não foi apenas aqui que dobrou, não é Camacho? É importante a gente lembrar que o Brasil demorou 500 anos para exportar 60 bilhões de dólares e



nós, em apenas 36 meses, chegamos a mais 60 bilhões de dólares, passando para 120 bilhões as exportações brasileiras.

Vejam, nós estamos disponibilizando, para recuperar o porto, um investimento da ordem de 56 milhões de reais, 43 milhões do governo federal, 13 milhões do governo estadual. Os investimentos públicos programados estão voltados para as obras que o Camacho já falou aqui, mas eu vou repeti-las: recuperação estrutural dos berços 102 e 103, eu nem sabia o que era berço, falou em berço eu pensei que era coisa para dormir, para criança dormir, aí eu fiquei sabendo que é aquela coisa... do berço 102 e 103 do cais existente numa extensão de 330 metros; construção de viadutos no acesso ao porto, no entroncamento da BR-280 com a Via Férrea; recuperação e modernização do sistema de distribuição de energia elétrica na área do porto, incluindo novas subestações de redimensionamento das redes de distribuição; derrocamento da laje da cruz, isso é, a pedra que eu falei e que o Camacho falou. Com a remoção desse rochedo submerso, o calado, junto ao berço de atracação 101, vai aumentar para 13 metros de profundidade, podendo passar navios muito maiores. É isso Camacho?

Quanto aos investimentos da iniciativa privada, destaco, é importante lembrar que também tem dinheiro da iniciativa privada, a integração do corredor de exportação com duplicação da capacidade de embarque para três mil toneladas/hora, através de berço 101; implantação e operação do berço 401 por meio de arrendamento – você vai balançando com a cabeça, sim ou não, viu Camacho? Implantação de terminais de granéis líquidos; implantação do berço 302 no terminal de Babitonga. É isso? Falta metade do discurso aqui, perderam o discurso no meio do caminho. Bem, César Alvarez, o discurso está pela metade. De qualquer forma eu não ia ler mais, porque eu quero olhar cara a de vocês.

O Brasil está vivendo, eu diria, um momento, senão excepcional, o Brasil está vivendo um momento muito bom. E quando eu digo muito bom é porque,



em nenhum momento da história econômica deste país, nós tivemos um conjunto de fatores combinando entre si, que permita ao Brasil ter, aos olhos do mundo, uma segurança que nós nunca tivemos.

O risco-Brasil é quando as pessoas desconfiam do Brasil. Era 1.400 pontos no dia em que eu tomei posse, era 2.400. Hoje, está 220. Nós, há muitos anos, não conhecíamos superávit de conta corrente, nós, há muitos anos, passamos quase oito anos tendo déficit na nossa balança comercial. O Brasil importava mais do que exportava. E, no final do ano, o governo era obrigado a recorrer ao Fundo Monetário Internacional para pedir dinheiro emprestado para poder pagar as nossas contas. Nós, hoje, temos praticamente 67 bilhões de reservas e tomamos uma posição muito ousada de soberania.

Nós tínhamos 15 bilhões e 600, que era uma dívida contraída pelo governo anterior, com o objetivo de pagar a loucura da quebradeira que o Brasil teve em 2000, 1998, 1999. E o que nós fizemos? Devolvemos ao FMI 15 bilhões e 600, porque estávamos pagando 900 milhões de dólares de juros. Não tinha sentido a gente, com dinheiro em caixa, pagando os juros de um dinheiro que a gente não estava utilizando. Devolvemos o dinheiro e dissemos ao FMI: o Brasil, em 1822, proclamou a sua independência política, administrativa, e hoje, no dia que nós fizemos isso, eu declarei, hoje nós concluímos a nossa independência, porque não queremos ingerência de ninguém dizendo o que a gente tem que fazer no nosso país.

Mas não é apenas da questão dos portos e dos aeroportos que estamos cuidando. Vocês viram que no final do ano eu tomei a atitude de fazer, em caráter emergencial, uma verdadeira batalha nas estradas brasileiras. Então, era engraçado porque tinha alguns que criticavam que o governo federal não fazia. Quando nós tomamos a decisão de fazer, aí começaram a criticar que nós estávamos fazendo.

Vocês estão assistindo aqueles capítulos daquele especial sobre JK? Se fosse transportado para hoje, vocês iam perceber que era a mesma coisa. Tem



um tipo de político que quer trabalhar e fazer e tem um tipo que não quer que você faça, isso é como jogar futebol: tem um time que quer marcar gol e o outro que não quer que você marque gol.

Olhe, deixa eu dizer para vocês uma coisa, de coração: eu sei que falta muita coisa para fazer, da mesma forma que eu tenho consciência de que falta muita coisa para eu cumprir dos sonhos que eu e Marisa sonhamos juntos nesses 32 anos e vocês na vida pessoal de vocês. Cada um de vocês sonha fazer uma coisa melhor na casa de vocês, às vezes o marido e a mulher trabalham, se matam de trabalhar e no final do mês não têm as condições objetivas de fazer.

Cada um quer que um filho possa se tornar um doutor em excelência em algum curso importante. Essas coisas a gente sonha, se mata, trabalha, mas as coisas não acontecem com a rapidez que a gente quer. Consertar o Brasil, do jeito que nós pegamos, se não fosse Deus e vocês a gente não agüentaria o que nós pegamos neste país.

Você trabalha em porto, Camacho, você sabe. É como um navio avariado, ou seja, tem um trabalho e eu devo muito, mas muito de tudo que nós fizemos a um homem chamado Antonio Palocci, muito. Não é economista, é médico e é exatamente por isso. Ele ganhou respeitabilidade no mundo inteiro pela sobriedade e pela seriedade no trato das questões econômicas. Muitas vezes o Luiz Henrique deve ter saído de Brasília chateado porque não conseguiu o dinheiro que o estado precisava, muitas vezes um prefeito saiu chateado, muitas vezes os deputados ficam chateados, a senadora, porque vão lá pedir dinheiro para a emenda. E é uma coisa extraordinária, que cada um de nós aprende na vida, aprende no berço. A gente só gasta aquilo que tem, a gente só gasta o tamanho do nosso salário. Se a gente fizer alguma coisa a mais, a gente sabe que vai se encalacrar em algum momento.

Então, todo o nosso problema é fazer com que o Brasil tenha seriedade aos olhos do brasileiro e aos olhos do mundo, que as pessoas percebam que



este país deixou de ser um país de aventuras eleitorais, em que na época das eleições se promete tudo, se gasta o que não tem e depois o povo paga o preço. Eu, por acaso, ontem, cheguei em casa depois que fizemos uma reunião na Confederação Nacional das Indústrias com todo o movimento sindical e com os empresários... porque a partir de ontem eu assinei um Decreto em que os trabalhadores vão participar da administração dos “S”, do Sesi, do Senai, do Senac, de tudo. Ou seja, a partir de agora vai ter 300 trabalhadores na administração e na semana que vem assinarei também a participação dos trabalhadores no Conselho das empresas públicas brasileiras.

Então, eu cheguei em casa ontem por volta das 10, 11 horas da noite e eu nunca tinha assistido e assisti o JK. E eu assisti uma coisa que se a gente transportasse para hoje, seria a mesma coisa. Ou seja, o JK, hoje, depois de 50 anos, é considerado o mais importante presidente que este país teve. Getúlio também foi muito importante mas com outra característica. Então, hoje, todo mundo, seja de direita, de esquerda, de centro, respeita e admira JK e eu pensei, Luiz Henrique, que sempre tinha sido assim.

Quando eu li o livro sobre JK, eu percebi que naquela época, os iguais aos de hoje, daquela época, porque a elite sempre foi mais ou menos a mesma, uma parte da elite política sempre foi a mesma... você pega a família que está há 300 anos na política brasileira, 300, 400 anos na política e eu estou percebendo que o mesmo tipo de gente que acusava de forma peremptória Juscelino Kubitschek de todas as coisas, de todas as infâmias. Não tinha palavrão que faltasse para o Juscelino ser atacado, e a televisão está mostrando honestamente o que foi aquilo. E eles fizeram isso conosco o ano passado. Não são os mesmos, se fizer um DNA político, ideológico, é a mesma coisa, vão perceber que é a mesma coisa. Eu aprendi que a gente tem que ter paciência nessas horas, a gente tem que ter paciência, contar até dez, pensar muito em Deus e sempre acreditar que a verdade vai aparecer.

Agora, resolveram mexer com a economia brasileira. Resolveram mexer



por quê? Eu só posso entender que esse tipo de comportamento é para dizer o seguinte: esses meninos não podem dar certo até o final do ano. Nós temos que chegar ao final do ano no Brasil com uma situação muito ruim, porque senão eles podem, sabe... Eu fico imaginando o seguinte: olhe, eu não quero que as pessoas gostem de mim, ninguém é obrigado a gostar de ninguém. Eu não quero que pessoas gostem do Luiz Henrique, da Ideli, ninguém é obrigado a gostar de nós. Eu não quero que gostem do Palocci, que gostem do Camacho. Gostar é livre. O que eu quero é que as pessoas aprendam, não a gostar do presidente da República ou do ministro da Fazenda, eu quero que as pessoas aprendam a gostar deste país e do povo brasileiro, eu quero que as pessoas aprendam a respeitar o povo brasileiro porque se o Brasil estiver bem, todo mundo vai estar bem, se o Brasil estiver mal, alguns vão estar bem e eu já sei nas costas de quem vai arrebentar, é nas costas do povo pobre deste país, outra vez.

Então, é importante vocês ficarem alertas, é importante o povo ficar analisando corretamente, porque destruir é muito mais fácil do que construir. Plantar uma árvore para ela ficar frondosa e dar uma sombra para a gente descansar, leva dezenas de anos. Aí, chega o cidadão com uma moto-serra, e em meio minuto corta aquela árvore frondosa. Construir um prédio é muito difícil, vem uma enxurrada e derruba em 30 segundos. E nós não temos o direito de destruir as coisas que esse povo construiu, porque cada tijolo que está levantado neste país tem, direta ou indiretamente, uma gota de suor do sangue desse povo que pagou imposto, que trabalhou e que quer apenas que os governantes lhe devolvam em forma de benefício o direito arrecadado.

Vejam que absurdo. Eu proibi, no meu governo, utilizar a palavra gasto, quando se trata de educação e de política social, porque no Brasil habitualmente era assim.

O governador Luiz Henrique vai fazer parceria ou vai dar um terreno para uma empresa se implantar no estado, vai ter financiamento do BESC. A





gente fala assim: “não, porque isso é investimento.” Agora, quando a gente vai dar alguns centavos para o pobre comer um pão, as pessoas falam: “isso é gasto.” Quando a gente fala: “construir um presídio”, temos que investir no sistema penitenciário brasileiro, o sistema prisional. Quando a gente vai colocar uma criança na escola, a gente fala: “vai gastar dinheiro na educação.” Nós precisamos mudar esses conceitos, porque não tem nada mais sagrado na vida da nossa família, na vida de um pai ou de uma mãe, não tem nada mais sagrado do que ele ter a possibilidade de ver o filho dele numa boa escola. Não tem nada mais sagrado. É por isso que nós criamos o ProUni. O ProUni já colocou, entre janeiro do ano passado e fevereiro deste ano, 203 mil jovens da periferia nas universidades brasileiras, que estariam fora. As escolas técnicas estavam paralisadas desde 1998. Não se podia fazer escola técnica no Brasil se a prefeitura não assumisse ou se o estado não assumisse. Até junho vão inaugurar 25 novas escolas técnicas neste país.

Estamos fazendo, só aqui em Santa Catarina, quatro. Já tem três e nós vamos fazer três. Pois bem, só universidade, Governador, estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 42 extensões universitárias. Estamos pegando braços da Universidade Federal e levando para o interior do país, criando 10 cursos, 15 cursos, 8 cursos para 2 mil, 2 mil e 500 jovens.

Por que estamos fazendo isso? Porque não adianta ter porto bom, Camacho, não adianta ter porto bom, não adianta ter aeroporto bom, se a gente não tiver mão-de-obra altamente qualificada para melhor qualificar os produtos que o Brasil exporta, e mais ainda, eu estou convencido de que o que vai dar a vantagem comparativa para o Brasil nessa relação globalizada do Planeta é a educação, porque vai ser um dia em que a gente vai exportar conhecimento.

O dia em que a gente estiver exportando conhecimento, aí o Brasil não vai ter risco nenhum e aí as pessoas vão começar a fazer investimentos neste



país, porque sabem que aqui as pessoas estão qualificadas profissionalmente. Esse é um sonho que não pode ser feito em quatro anos, em oito anos, em 12 anos, é um sonho que tem que ser construído em 20 anos, em 30 anos, mas não pode parar. Essas coisas têm que continuar, porque senão a gente nunca consegue concluir o projeto.

Vocês sabem, numa cidade, se um prefeito entra, pára todas as obras dos outros e começa outras novas, aí entra outro, pára as daquele e começa outras, a gente vai vendo a cidade cheia de obras inconclusas, quando na verdade tudo é feito com dinheiro do povo e a gente precisa caprichar para fazer as coisas acontecerem.

Então, gente, eu venho a este porto com alegria redobrada. Certamente, no final da tarde, não terei mais a disposição de falar tanto como eu estou falando agora, mas é o primeiro, então, eu posso falar. Eu só quero dizer o seguinte: da mesma forma que nós estamos fazendo este porto, eu quero pedir aos nossos adversários, àqueles que fazem oposição: é justo fazer oposição, é democrático fazer oposição, mas política tem que ser feita com sabedoria, com inteligência, com serenidade. Política não pode ser feita com o esôfago, tem que ser feita com a cabeça. Se as pessoas não gostam do governo, não tem problema, mas pelo amor de Deus, permitam que a gente conclua o nosso trabalho, não atrapalhem, porque quem vai perder vai ser o povo trabalhador deste país.

Eu quero agradecer a presença de vocês. Quero dizer a todos vocês que eu continuo não apenas acreditando, mas trabalhando para que este país nunca mais retorne aos dissabores que nós tivemos em muito tempo e para mim tem uma palavra-chave: seriedade. Seriedade, trabalho e trabalho. Não se importar com o restante, não deixar de fazer as coisas porque alguém não está gostando. Paciência. O que eu quero saber é no dia 31 de dezembro de 2006, quando terminar o meu mandato eu quero comparar o Brasil do meu governo com o Brasil que eu herdei, para a gente saber o que aconteceu neste país.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz  
Discurso do Presidente da República**

---

Até lá, eu só quero trabalhar.  
Muito obrigado, gente.